

**SOUSA; Lauani Gabrielle Salviano de <sup>1</sup>, CAVERSAN; Helena de Almeida Cardoso <sup>2</sup>, LEITE; Cláudia Aparecida de Oliveira <sup>3</sup>**

## **RESUMO**

A pesquisa psicanalítica ocupa um lugar no campo acadêmico e contribui como operador de leitura sobre os desdobramentos do laço social contemporâneo. Em vista disso, o grupo de pesquisa *Treliça: interseções psicanalíticas*, financiado pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa - PAPq, vem desenvolvendo discussões em torno do contexto contemporâneo e dos cenários de crises sociais, campo no qual este trabalho se insere. Nesse sentido, tomando como ponto de partida um dos conceitos mais controversos de Sigmund Freud - a pulsão de morte - e o ensaio *Necropolítica*, de Achille Mbembe, objetivamos apresentar uma reflexão sobre o cenário sociopolítico pandêmico, com ênfase nas políticas de morte, extermínio e segregação que marcam as relações sociais de grupos e territórios na cena contemporânea. Desse modo, a investigação foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica de cunho psicanalítico, em materiais que trabalham acerca dos desdobramentos dos conceitos de pulsão de morte e de necropolítica na prática clínica e social. Mbembe define a necropolítica como um exercício de poder do Estado que divide as pessoas entre aquelas que devem viver e as que devem morrer, sendo o último grupo composto majoritariamente por pessoas pobres e negras. Já a pulsão de morte é conceitualizada por Freud como algo que busca a dissolução dos agrupamentos e assegura a vitória final da tendência a qual estão a serviço - a ausência de estímulos. Desse modo, tanto a pulsão de morte quanto a necropolítica convergem em uma orientação ao aniquilamento e à agressividade e, ao referirmos ao cenário contemporâneo, encontramos na vivência da pandemia da Covid-19 um campo privilegiado de reflexão para essa articulação. Presenciamos a agressividade ocupar, em sua forma mais violenta, um grande espaço na crise sanitária brasileira, em um momento que deveria ser de comoção diante da possibilidade real da morte. Desde falas que imitavam pessoas sem ar, buzinaços e invasões em hospitais, até a inaptidão logística de gás oxigênio para as instituições de saúde, a subnotificação de casos e o atraso deliberado na compra de vacinas pelo governo Federal, vemos o curso de uma política de morte direcionada a população, com impacto mais intenso nas regiões periféricas, e que intensificam a atmosfera da barbárie pandêmica. Portanto, mesmo diante de um mal maior, que incide diretamente na estrutura coletiva, o pacto social é rompido, favorecendo aqueles que buscam se manter em uma odiosa posição, aniquilando seus inimigos. Dito de outro modo, a manutenção de uma posição de poder que se conserve acima de qualquer limite que uma lei possa implicar, é assegurada pelo domínio da violência legitimada sob a rubrica do Estado. A pulsão de morte, assim, se manifesta em sua disposição à agressividade e ao aniquilamento daqueles que, em uma governância sob a égide da necropolítica, têm cor e lugar social muito bem definidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Covid-19, necropolítica, pulsão de morte

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais, laubqi@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de São João Del Rei, helenacaversan@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais, claudia.leite@uemg.br

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais, laubqi@gmail.com  
<sup>2</sup> Universidade federal de São João Del Rei, helenacaversan@gmail.com  
<sup>3</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais, claudia.leite@uemg.br